

Líderes industriais prevêem o aprofundamento da crise

por José Casado
de São Paulo

As operações financeiras da maioria das indústrias paulistas de transformação estão praticamente paralisadas desde a semana passada: não há dinheiro no mercado interno, a taxa de juros começa a subir e a perspectiva dos industriais é de drástica redução no ritmo de negócios até o final do ano.

Presidentes de setenta sindicatos de diferentes setores chegaram a essa conclusão, ontem, durante reunião na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), na qual

avaliaram a intensidade do impacto das medidas econômicas adotadas pelo governo federal, na semana passada, sobre as atividades produtivas.

"Ingressamos em um processo de aprofundamento da recessão", comentou Cláudio Bardella, vice-presidente da FIESP, depois de ouvir, na reunião, veementes apelos de industriais para que a Federação negocie medidas "atenuantes" com o governo federal.

"ATENUAÇÃO"

Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, presidente da FIESP e, também, membro do Conselho Monetário Nacional (CMN) — órgão que referendou o "pacote" esboçado pela Secretaria do Planejamento (Seplan), Ministério da Fazenda e Banco Central — disse que os presidentes de sindicatos industriais decidiram colocar a FIESP numa negociação com o governo em torno de dois pontos básicos: a) que seja dada à indústria a garantia de que não haverá uma maxides-



Cláudio Bardella

valorização do cruzeiro, sob a forma de instituição, para o tomador de empréstimos externos, da opção de liquidação do débito com base na correção monetária ou cambial; b) que o Banco Central modifique a Resolução nº 700, tornando obrigatória e com percentual fixo a realização de operações de empréstimos externos indiretos (Resolução nº 63) em 90 dias, com correção cambial prefixada — atualmente, os bancos não estão obrigados a

realizar esse tipo de negócio, mas podem realizá-lo se o desejarem.

"Temos de viabilizar alguma coisa para atenuar o impacto das recentes medidas", afirmou Vidigal Filho, procurando resumir o clima da reunião de duas horas, ontem, na sede da FIESP, da qual todos os participantes saíram convictos de que o País está, outra vez, no rumo do agravamento do processo recessivo.

"Não há dúvida de que vamos ter, a partir de novembro, uma queda no ritmo de negócios mais brutal que a verificada no ano passado", observou Bardella. "Quando recebi a notícia de que o governo havia aumentado o depósito compulsório dos bancos, na quarta-feira passada, estava no meio de uma reunião de diretoria na minha empresa e fiquei surpreso. Minha primeira reação foi dizer 'o Brasil quebrou'. É uma força de expressão, realmente, mas há muitos indícios de que estamos sem caixa, sem dinheiro para pegar lá fora ou aqui dentro."